

## **FEIRA DE SANTANA: DESAFIOS PARA A INSERÇÃO DE UMA ECONOMIA PERIFÉRICA NOS MOVIMENTOS DE GLOBALIZAÇÃO DO CAPITAL**

**Rossine Cruz<sup>i</sup>**

Nas últimas décadas, formas específicas de acumulação existentes na periferia brasileira foram transformadas pelo ingresso de capitais forâneos, que interferiram tanto nas dinâmicas específicas da divisão técnica do trabalho quanto na divisão social inter-regional do trabalho. Essa dinâmica integradora concentrou investimentos em determinados setores produtivos, estados e cidades do Nordeste do Brasil, voltados para a complementação da matriz produtiva nacional.

O estado da Bahia, beneficiário de grande parte dos investimentos extra-regionais, foi o que teve o maior impulso industrializador da região Nordeste. A integração econômica da Bahia resultou em modernização das atividades comerciais e de serviços que, também, manifestou-se de forma concentrada. A concentração de capitais em determinados espaços urbanos, a exemplo de Salvador, Camaçari e Feira de Santana, atraiu grandes contingentes populacionais, aumentando ainda mais as assimetrias sociais e econômicas entre os municípios baianos, na medida em que o resultado econômico proporcionado pelos novos investimentos fora espacialmente concentrado, reduzindo o poder de transmissão dos efeitos da desconcentração econômica nos espaços imediatamente vizinhos àqueles municípios.

Mas os processos de desconcentração e integração dos anos 70 e 80 passaram a viver momentos de inflexão nos anos 90. As plantas industriais nordestinas tiveram que passar por processos de reestruturação, adaptando-se aos novos parâmetros de competitividade internacional, concorrendo com produtos importados na disputa pelo mercado doméstico. A política regional, “coisa de um passado intervencionista”, passou a ser substituída pelos movimentos da iniciativa privada, agora guindada ao papel de “novo agente promotor do desenvolvimento regional” que, uma vez decidindo investir, tem colocado o Estado a reboque de suas decisões. E o Estado, preocupado em garantir o retorno privado para reforçar seu discurso liberal, banca a aposta privada, na esperança (vã, na maioria dos casos) de que impactos positivos no emprego e na arrecadação aconteçam.

A solidariedade entre as estruturas econômicas regionais e sub-regionais do país, construída nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica, que se explicitaram fortemente durante os anos 70 até meados dos anos 80, está comprometida desde os anos 90, dada a redução de políticas de desenvolvimento regional. Esta situação tem impedido que ocorra uma expansão das atividades econômicas de forma espacialmente integrada. A busca de algum dinamismo interno, baseado em uma política regional de modernização competitiva, não só tem inflexionado ou reduzido os ritmos de crescimento econômico, como também tem conduzido estados e municípios a tensões que os conduzem ao aprofundamento da segregação espacial inter-regional e intra-urbana.

---

<sup>i</sup> - Doutor em Economia, pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); e Professor Titular da Universidade Salvador (UNIFACS), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais 2, onde coordena o **Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Regional e Urbano**. Endereço eletrônico: [rossine@uefs.br](mailto:rossine@uefs.br) ou [rossine.cruz@unifacs.br](mailto:rossine.cruz@unifacs.br).

Uma investigação realizada por CRUZ (1999) a partir dos impactos do processo de desconcentração econômica nacional sobre a região analisando dos efeitos das políticas governamentais sobre os perfis produtivos nordestino, baiano e local, mostrou que o crescimento econômico de Feira de Santana não trouxe proporcionais benefícios sociais para sua população. O estudo da evolução estrutural da economia local, a partir dos anos 60, identificou as formas de inserção de sua economia nas tendências do desenvolvimento estadual, regional, nacional e internacional, mostrando relações de complementaridade e de concorrência da economia *feirense* com a economia da RMS (RMS) e com outras regiões.

Neste artigo, discutem-se os limites do poder local, tomando como exemplo o município de Feira de Santana, diante das perspectivas econômicas da periferia capitalista mundial, quando a mídia e as políticas públicas fazem apologia à liberdade econômica, enquanto a maioria dos municípios e unidades da Federação passa por uma crise fiscal sem precedentes e uma quase incapacidade de atender as demandas básicas de suas populações. Serão analisados alguns dos principais entraves que ocorrem nos anos 90 e as “saídas” até então encontradas para a crise que se abateu sobre as atividades econômicas locais, para concluir com algumas indagações sobre os limites e as possibilidades de inserção “positiva” da economia local, sobre como “revelar” as vantagens sistêmicas dessa economia periférica, num mercado globalizado e altamente excludente, social e economicamente.